****

**Virão sentar-se à mesa do Reino de Deus**

**pessoas de todos os cantos**

**Vigésimo primeiro domingo do Tempo Comum**

**25.8.2019**

Irmãs e irmãos amados, que a paz do Senhor esteja com vocês!

Estamos no vigésimo primeiro domingo do Tempo Comum, mantendo-nos ao lado de Jesus em sua viagem para Jerusalém. Nessa caminhada evangélica Ele nos ensina sobre o caminhar contínuo de nossa evolução espiritual, concretizando-se na construção cotidiana do Reino de Deus. Após nos advertir sobre a ilusória valia dos bens materiais e a necessária vigilância permanente em relação às nossas ações, o que, fatalmente, nos leva ao conflito com os que se apegam às coisas deste mundo, neste domingo, Jesus destaca a estreita porta de acesso ao seu Reino, mas, também, a possibilidade dessa entrada poder ser realizada por pessoas de todos os cantos do mundo. A que Ele estaria chamando a nossa atenção quando nos adverte sobre essa intrigante condição?

Convidamos, então, todas e todos vocês, para refletirmos juntos sobre a questão apresentada por Jesus na passagem bíblica de hoje, para que possamos aplica-la em nosso cotidiano.

22Sempre em caminho para Jerusalém, Jesus ia atravessando cidades e aldeias e nelas ensinava. 23Alguém lhe perguntou: “Senhor, são poucos os homens que se salvam?” Ele respondeu: 24“Procurai entrar pela porta estreita; porque, digo-vos, muitos procurarão entrar e não o conseguirão. 25Quando o pai de família tiver entrado e fechado a porta, e vós, de fora, começardes a bater à porta, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos, ele responderá: Digo-vos que não sei donde sois. 26Direis então: Comemos e bebemos contigo e tu ensinaste em nossas praças. 27Ele, porém, vos dirá: Não sei donde sois; apartai-vos de mim todos vós que sois malfeitores. 28Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, Isaac, Jacó e todos os profetas no Reino de Deus, e vós serdes lançados para fora. 29Virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e se sentarão à mesa no Reino de Deus. 30Há últimos que serão os primeiros, e há primeiros que serão os últimos”. (Lc 13,22-30)

Neste domingo somos convidados a refletir sobre o tema da “salvação”, em continuidade das reflexões anteriores narradas por Lucas no caminhar catequético de Jesus à Jerusalém. Evidencia-se, como foco central desta “viagem”, a descrição, por Jesus, dos verdadeiros traços de seu discipulado, aceitando sua Verdade como luz condutora, não apenas no assumir o nome ou a titulação, mas na real opção pelo caminho do “Reino”, colocando-nos como herdeiros do projeto de Jesus. Até aqui, Jesus nos adverte sobre a nossa preparação e vigilância contínuas referentes ao nosso crescimento espiritual. Com o Evangelho de hoje, Ele nos alerta que o acesso à vida plena, à felicidade total, a completa realização, ou seja, a construção do “Reino” em nós (“salvação”), é um dom oferecido por Deus a todos os homens e mulheres, sem exceção, jamais havendo escolhas ou exclusões prévias. Porém, para lá chegarmos, faz-se necessário que passemos por uma “porta estreita”, renunciando a uma vida baseada nos falsos valores deste mundo, que nos tornam vaidosos, egoístas, prepotentes, autossuficientes e apegados ao que se apresenta, ilusoriamente, (coisas, fatos e sentimentos) em nosso cotidiano. Tal “acesso” requer, então, que sigamos Jesus no seu caminho de amor, de compaixão e de entrega, não apenas apropriando-nos de novos e perenes valores, mas, também, servindo como instrumentos, com palavras e ações, para a verdadeira transformação do meio em que nos encontramos. Eis a construção do Reino de Deus, no aqui e agora, e em toda eternidade.

Em resposta ao questionamento sobre quem se salvaria, Jesus sugere no trecho de hoje que o “banquete do Reino” é para todos, mesmo não havendo entradas previamente garantidas ou rejeitadas, tampouco reservas antecipadas. É necessário que façamos uma opção, melhor dizendo, que vivamos uma nova opção, para que se possa “adentrar” por essa “estreita porta”, isto é, disponibilizarmo-nos para sermos conduzidos pela força do Espírito, aceitando seguir Jesus no dom da vida e no amor compassivo aos irmãos.

Vimos na semana anterior que, constantemente, vivemos em conflito: por um lado, nossa essência divina, pura e perfeita, decorrente da imanência de Deus, com sua presença viva em cada um de nós, impulsionando-nos à construção cotidiana do Reino, e, por outro lado, contrapõe-se a nossa limitação humana, vaidosa, egoísta, e tão apegada às coisas deste mundo. É inquestionável que, por meio de reflexões, orações, meditações e adequada alimentação espiritual, nossa essência divina manter-se-á cada vez mais fortalecida, possibilitando-nos, assim, de participar do “banquete” mencionado por Jesus, ou seja, manteremos a nossa evolução espiritual contínua, razão precípua de nossa existência neste mundo.

Atentemo-nos para as palavras de Jesus em sua catequese de hoje ao apontar a estreita porta como meio de passagem para seu “Reino”. Em momento algum, Ele apontou tal aspecto como limitador numérico, ou que exista uma definição prévia quantitativa de “participantes” dessa exitosa jornada. Jesus apenas apresenta de forma alegórica e por intermédio de uma parábola, meios comuns de transmitir ensinamentos à época, a dificuldade em se conseguir a boa condução para o conflito citado acima.

A imagem da “porta estreita” sugere uma renúncia a fardos que “inflam” o homem, impedindo-o de viver na lógica do “Reino”. A título de exemplo, poderíamos citar como tais fardos o egoísmo, o orgulho, a vaidade, a ambição, o apego e muitos outros. Tudo isso obstaculiza o homem de seguir o caminha do servir, da partilha, do amor, de sua entrega para ser conduzido pelo Santo Espírito, impedindo, assim, sua adesão ao “Reino”.

Na lógica de Jesus, para “entrar pela porta estreita” requer que se faça simples, humilde, servidor, capaz de amar o próximo de uma forma tão intensa que lhe é possível fazer da vida um dom. Em suma, significa seguir os passos de Jesus, imitando-o na sua prática de entregam de compaixão e de amor.

Sem dúvida alguma, Cristo Jesus rebate o que, rotineiramente, era defendido nos meios rabínicos que a “salvação” somente poderia ser alcançada pelo povo eleito e, mesmo assim, para uma minoria deste. Vemos uma flagrante contraposição na fala de Jesus, chegando a dizer que “*Virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e se sentarão à mesa no Reino de Deus*” (v. 29), ou seja, povos de todos os cantos do mundo, independente da raça, do gênero, da cultura, da etnia, da classe social, da ideologia política e até mesmo da religião, poderão acessar tal vitória – a plena realização, a perfeita intimidade com o Altíssimo –, basta que se siga o caminho da compaixão, da partilha e da entrega, permitindo que sua essência divina aflore-se, vencendo suas limitações humanas, transformando-se em testemunho vivo da paz e do amor entre os seres. Sem dúvida, a comunidade de Jesus é a comunidade onde todos cabem e onde ninguém é excluído, previamente escolhido e marginalizado.

Assim, a expectativa que se mantinha e, de alguma forma, ainda se mantém nos dias de hoje em diversos círculos culturais e até mesmo religiosos, referente aos privilegiados e eleitos para o atingimento da exitosa “salvação”, é questionada e combatida de forma veemente pela fala de Jesus, pois aqueles que vemos como os ocupantes de possíveis posições privilegiadas nesta empreitada, poderão ser os últimos a chegar, se é que conseguirão. Ocorre que, tal ranqueamento é decorrente de um olhar e de uma avaliação meramente humanas, tomando por base nossa torta visão de importância, nossos questionáveis princípios que estão sustentados muito mais pelo preconceito mundano de valores.

Acreditamos ser possível encontrar a felicidade e a vida plena, com nosso limitado e distorcido entendimento, no poder mundano, no êxito profissional e/ou financeiro, na exposição e na fama sociais. As nossas ilusões de valores vão ao encontro da “porta larga” do mundo, distintamente da “porta estreita” de Jesus.

Fiquem na paz de Deus!

Rev. Frei João Milton